

Inflação desacelera, mas persiste e dificulta a redução do juro básico

Inflação persistente dificulta queda do juro básico no país

IPCA em janeiro foi de 0,53%, e em 12 meses acumula 5,77%. Resultado ainda está distante da meta perseguida pelo BC

ANDERSON AIRES
anderson.aires@zerohora.com.br

Com quatro meses consecutivos de crescimento e incertezas em relação ao futuro, a inflação segue retardando o início de cortes da taxa básica de juro, um dos principais pontos de tensão entre o governo federal e o Banco Central (BC). Ontem, saiu o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de janeiro, com alta de 0,53%.

Mesmo com leve desaceleração ante dezembro, o indicador mostra que a alta dos preços segue persistente. Especialistas afirmam que os dados mais recentes do IPCA e a insegurança sobre o comportamento do indicador no horizonte afastam a possibilidade de redução da taxa Selic no curto prazo.

Em janeiro, o grupo de alimentação e bebidas teve o maior impacto positivo sobre o índice geral no país, com contribuição de 0,13 ponto percentual. Dentro desse ramo, a maior influência ocorreu por parte da batata-inglesa e da cenoura. Dos nove grupos de produtos e serviços pesquisados, só vestuário teve variação negativa em janeiro. Já a maior variação percentual veio da comunicação. Nos últimos 12 meses, o IPCA acumulado é de 5,77%.

Professor da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, Marcelo Portugal afirma que a inflação anualizada ainda está acima da meta, o que justifica política mais conservadora por parte do BC.

– Não vejo o menor espaço (para redução da Selic nos próximos meses). Se a gente quiser pegar essa inflação acumulada em 12 meses, de 5,77%, e levar para 4%, 3% ainda vamos precisar de juros altos por alguns meses.

A meta de inflação para este ano é de 3,25%, com margem de tolerância de 1,5 ponto percentual para cima ou para baixo.

Portugal avalia que o primeiro passo por parte do governo para reverter esse cenário de inflação elevada é parar de atacar a política monetária e mostrar compromisso com o combate ao aumento de preços, que demanda paciência. Redução forçada da Selic aqueceria a atividade económica pontu-

almente, mas não provocaria crescimento sustentado, acrescenta.

– Se o Banco Central for pressionado e baixar o juro antes da hora, pode ter um efeito positivo de curto prazo na atividade, mas negativo sobre a inflação e impacto zero sobre o crescimento da economia em médio e longo prazos – argumenta.

A divulgação do dado mais recente de inflação no país ocorre em meio à tensão entre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o BC. De um lado, o chefe do Executivo faz sucessivas críticas ao órgão responsável pela política monetária por manter a taxa básica de juro em patamar elevado.

No entendimento de Lula, essa postura trava o crescimento do país. Já o BC reforça preocupação com inflação persistente. Nesse sentido, a instituição destaca que seguirá com tom conservador em relação ao juro enquanto a inflação não ceder e deixa a porta aberta para eventuais elevações na Selic em caso de descontrolo.

Desaceleração

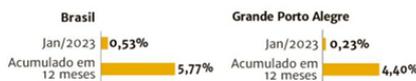
Gustavo Sung, economista-chefe da Suno Research, diz que, mesmo em alta, a inflação mostra sinais de desaceleração nos últimos meses. Isso ajuda o BC a manter a taxa em 13,75% sem necessidade de novas elevações, mas não cria ambiente para redução da Selic. Sung avalia que a entidade está mais preocupada com o futuro.

– A gente ainda não tem grandes diretrizes de como vai se dar o novo arcabouço fiscal, a reforma tributária. Essa nebulosidade, as incertezas em relação ao rumo fiscal do país fazem com que o prêmio de risco aumente e a taxa de câmbio continue desvalorizada.

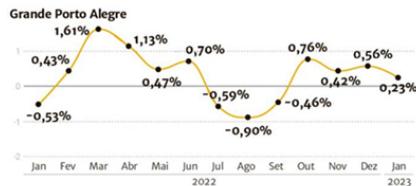
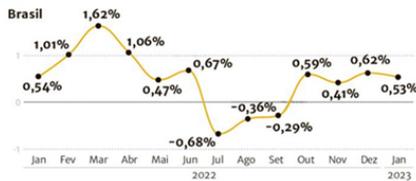
Sung entende que esse cenário afasta a possibilidade de redução da Selic no primeiro semestre. Sung estima que esse processo pode começar entre agosto e setembro, se o cenário económico doméstico for favorável.

As variações

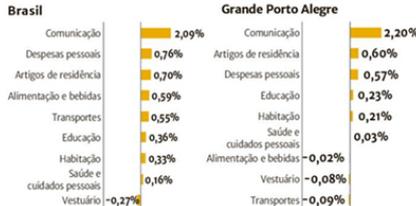
IPCA voltou a registrar alta no país e na Grande Porto Alegre pelo quarto mês seguido



ÚLTIMOS MESES (variação mensal)

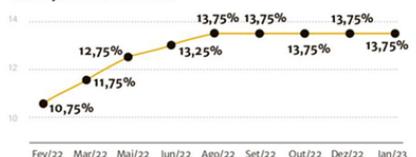


POR GRUPOS (variação em janeiro)



Fonte: IBGE

VARIAÇÃO DA TAXA SELIC



Fonte: BC

Ritmo menor na Grande Porto Alegre

A inflação da região metropolitana de Porto Alegre também voltou a registrar alta, mas apresentou perda de fôlego em janeiro. O IPCA avançou 0,23% no primeiro mês do ano. O índice é menor ante o resultado de dezembro, mas representa o quarto mês consecutivo de crescimento. Ou seja, a alta dos preços diminuiu o ritmo, mas segue persistente.

Em janeiro, a Grande Porto Alegre registrou o quarto menor percentual no IPCA entre as regiões pesquisadas pelo IBGE, ficando atrás de Curitiba, São Luís e Recife. No acumulado dos últimos 12 meses, o IPCA na região está em 4,40%, nível abaixo da média nacional.

Seis dos nove grupos apresentaram alta em janeiro. Comunicação, artigos de residência e despesas pessoais apresentaram as maiores elevações no indicador. Já transportes, vestuário e alimentação e bebidas apresentaram queda, impedindo avanço percentual maior no índice. No grupo de comunicação, a alta percentual mais expressiva ocorre no âmbito do ajuste de preços de produtos ligados a televisão por assinatura e de telefonia, segundo o IBGE.

– O resultado do grupo comunicação é explicado principalmente por reajuste nos combos de telefonia, internet e TV por assinatura. Isso acaba impactando também os planos avulsos de TV por assinatura e internet, que também foram reajustados – destaca o gerente da pesquisa, Pedro Kislakov, ao comentar os dados nacionais.

Olhando apenas por variação percentual em produtos, brócolis (25,67%), morango (16,46%), TV por assinatura (11,78%), batata-inglesa (11,55%) e laranja baía (11,02%) carregam os maiores saltos de preços na Região Metropolitana em janeiro.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: Tensão entre Lula e BC **Página:** 10